



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

**A FILOSOFIA NATURAL EM “RISCOS”: UMA ANÁLISE COMPARADA
DOS ASPECTOS IMAGÉTICOS DAS VIAGENS NATURALÍSTICAS DE
DOMINGOS ALVES BRANCO MUNIZ BARRETO E ALEXANDRE
RODRIGUES FERREIRA (1783-1793).**

Wilton Alves Ferreira Júnior¹; Rodrigo Osório Pereira².

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
wfjalves@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
ropereira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Natural; Imagens; Naturalistas.

INTRODUÇÃO

Em fins do século XVIII, o campo da Filosofia Natural comportava muitos saberes que, no futuro, se autonomizaria em campos científicos específicos, como é o caso da Botânica. Nas duas últimas décadas desse século, o conhecimento acerca do mundo vegetal serviu de suporte para a Coroa elaborar estratégias políticas coloniais, a exemplo das madeiras-de-lei, das culturas agrícolas e da ervolaria. Os funcionários-naturalistas eram agentes responsáveis pela mobilização dos saberes acerca do mundo natural para implementar formas de potencialização da exploração dos recursos naturais e reforçar os vínculos de dominação coloniais.

Este trabalho busca analisar comparativamente as produções imagéticas de dois funcionários-naturalistas, com ênfase na botânica. O primeiro trata-se de Domingos Alves Branco Muniz Barreto (1748-1831), militar de carreira, autodidata na Filosofia Natural, que coleta, teoriza e desenha, contando basicamente com o apoio indígena enquanto o segundo é Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), líder da mais importante viagem do naturalismo português, que percorreu a região amazônica de 1783 a 1792 com grande expedição, contando com apoio do jardineiro Agostinho Joaquim do Cabo e com dois riscadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, responsáveis pela elaboração das imagens da expedição. Desta maneira, enquanto Domingos Alves Branco Muniz Barreto era um riscador autodidata e subversivo aos protocolos da Academia Real de Ciências de Lisboa, Freire e Codina eram formados na Universidade de Coimbra ou em instituições militares do Reino.

A análise da produção imagética dos naturalistas deste período possibilita muito além de descrições detalhadas das paisagens, vastos levantamentos de flora (não raro com

suas respectivas estampas botânicas) e elaborações técnicas diversas, mas também uma leitura política de natureza utilitária dos potenciais dos territórios percorridos.

Pretendemos ainda identificar as principais imagens resultantes das viagens de ambos os naturalistas, matizar as principais características técnicas presentes em cada acervo e analisar, sempre que possível, as relações entre as imagens e os textos a elas associados.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia do estudo baseia-se na análise das viagens filosóficas realizadas por naturalistas no século XVIII, especialmente no contexto colonial português. O conhecimento botânico e natural era produzido por meio da catalogação, coleta e descrição de espécies vegetais, com um enfoque utilitarista voltado para a exploração econômica das colônias. As viagens eram planejadas por instituições científicas e pelo Estado, sendo realizadas por naturalistas profissionais como Alexandre Rodrigues Ferreira ou por agentes relativamente autônomos, como Domingos Alves Branco Muniz Barreto.

A coleta de dados incluía a descrição detalhada das espécies, o registro de informações sobre sua utilização por populações indígenas e a produção de desenhos botânicos. A ilustração científica era um elemento essencial, exigindo o uso de técnicas específicas para garantir fidelidade na representação das plantas. A metodologia envolvia um processo em duas etapas: a produção inicial de esboços no campo e o refinamento das ilustrações nos centros acadêmicos.

O estudo comparou diferentes abordagens metodológicas na produção de imagens botânicas, analisando a forma como as estampas eram elaboradas e processadas. Além disso, discutiu as limitações e desafios enfrentados pelos naturalistas, como a necessidade de adaptação às condições adversas das viagens e a influência de interesses políticos e econômicos na produção do conhecimento.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A princípio, analisar comparativamente os dois *corpus* documentais da produção imagética de Muniz Barreto com a da Viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, ambos naturalistas e que produziram imagens botânicas aproximadamente no mesmo período em diferentes pontos da Colônia parecia uma tarefa simples. Entretanto, nos deparamos com diferenças fundamentais: uma diversidade de tipos de agentes produtores, diversidade de tipos de produção, e diversidade de objetos representados. Vários poderiam ser os parâmetros para compará-los. Devido aos limites desse texto, optei por focar dois aspectos específicos: a “etapização” da produção das estampas e as paletas de cores utilizadas.

Devida à intensa dinâmica das viagens não era possível registrar todos os detalhes de uma planta (até mesmo dos prospectos das paisagens). Então, optava-se por desenhar apenas parte do vegetal *in loco*, o restante deveria ser desenhado posteriormente em um momento de processamento. No caso da produção de Feire e de Codina, na imensa maioria das estampas analisadas o que temos nas estampas é um esboço geral do volume representado, seguido de um *rendering*, refinamento, de um seguimento ou exemplar de cada uma das estruturas e órgãos representados. Tomando como exemplo uma estampa típica das produzidas por Codina temos:

IMAGEM VI e VII – Estampa da Viagem de Rodrigues Ferreira com partes renderizadas e não renderizadas de uma mesma estampa.



Fonte: FBN - mss1255474_25, adaptado pelo autor.

A lógica era que, a partir destes fragmentos bem renderizados, a estampa fosse “completada”, numa ideia de mimeticamente reproduzir o padrão no restante das folhas, flores, troncos etc, reconstituindo-se assim a imagem do vegetal inteiro. Confiava-se no desenho como *medium* do pensamento e nesses fragmentos bem renderizados como um pacote de informações capazes de serem copiados, reproduzidos, e assim completar a composição da estampa. Trata-se de técnica astuta de desenho em viagem, onde há pouquíssimo tempo disponível, e muitas espécies para estampar (BRENDKAMP, 2015).

É por causa dessa característica específica da forma de se produzir conhecimento botânico no final do século XVIII que a segunda etapa, o *processamento* pelos *centros*, eram imprescindíveis. Esse processamento, no caso das estampas botânicas, não tratava-se de uma mera avaliação de mérito ou ajustes meramente corretivos, mas de uma verdadeira etapa da *produção* dessas imagens.

Suas estampas, no entanto, não seguem essa lógica de fornecer elementos bem renderizados que dariam subsídios informativos para o retrabalho posterior:

IMAGEM IV – Estampas do capitão Muniz Barreto *Embozá*, ou *Folha de coração e Marinheiro*



Fonte: MUNIZ BARRETO, Domingos. *Plantas do Certão do Gram Pará* [179...].

Nas estampas de Muniz Barreto, todos os elementos estão em um mesmo grau de finalização, sem elementos renderizados, sem o emprego de volumetria, sem o uso de técnicas de luz e sombra nem sobreposições. Junta-se a isso a escolha por representar apenas um pequeno fragmento do vegetal e não uma síntese das várias estruturas do vegetal, como observamos nas estampas da viagem de Rodrigues Ferreira. Dessa forma, tem-se nas estampas de Muniz Barreto uma quantidade limitadíssima de informações visuais, o que prejudicaria sobremaneira quaisquer tentativas de retrabalhá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Podemos observar profundos contrastes entre as formas de produzir conhecimentos imagéticos sobre o Mundo Natural da Viagem Filosófica de Rodrigues Ferreira e nas andanças de Domingos Alves Branco Muniz Barreto, tanto em relação à forma da representação quanto ao conteúdo representado.

As estampas botânicas da Viagem de Rodrigues Ferreira sistematizam uma proposta acadêmica de produção e seguem uma lógica compositiva que busca representar uma *síntese* representativa de um *todo* do vegetal, contendo as partes da planta, geralmente um galho inteiro composto por muitas folhas, os caules, as flores e os frutos e as sementes. As raízes é que são menos frequentes e representadas com maior preocupação no caso de plantas aquáticas ou trepadeiras. De um modo geral, há um intenso cuidado em representar as folhagens e o sistema reprodutivo das plantas.

As estampas botânicas da viagem de Muniz Barreto seguem uma lógica compositiva que busca representar uma *parte* do vegetal e não como um *todo*. Não há uma preocupação em sintetizar o vegetal na estampa e as estampas são enfoques em partes específicas do vegetal, geralmente a folha e os ramos. Não há preocupação em representar o sistema

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. O.. A botânica como missão pedagógica: Manuel Arruda da Câmara e a peculiaridade de suas interpretações sobre as espécies brasileiras (1752-1811). *CLIO. Série História do Nordeste* (UFPE), v. 1, p. 180-205, 2011.
- BORTOLETTO, Juliana G. *Os desenhos botânicos da viagem filosófica ao Brasil Uma rede política, científica e criativa*. Tese (História da Arte Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Coimbra PT, 2018.
- BRENDEKAMP, Horst. Mãos pensantes – considerações sobre a arte da imagem nas ciências naturais. In: ALLOA Emmanuel (Org.) *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CONCEIÇÃO, Gisele C. *Natureza Ilustrada*. Processos de construção e circulação de conhecimento Filosófico-Natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Porto-PT, 2019.
- DELERUE, Maria Luísa M. *Domingos A. B. Moniz Barreto: Baía, 1748, Rio de Janeiro 1831; entre o reformismo lusitano e a independência do Brasil*. Porto: Universidade Portucalense, 1998.
- FARIA, Miguel Figueira de. *A imagem útil: José Joaquim Freire (1760-1840), desenhador topográfico e de história natural*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora, 2001.
- FARIAS, Poliana Cordeiro de. *Domingos Alves Branco Muniz Barreto: ciência, economia e poder na Bahia (1788-1800) / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Ensino de Filosofia e História das Ciências*. Salvador : UFBA; Feira de Santana, BA: UEFS, 2010.
- GOELDI, Emilio A.. *Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira : mormente em relação as suas viagens na Amazônia e sua importância como naturalista*. Pará-Brasil: Alfredo Silva & Ca. Editores, 1895.
- KURY, Lorelai. As coleções, a invasão francesa e o Brasil. In: *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008.
- LEAL, J. E. F.. Tintas para escrever. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*, v. 2, p. s/p, 2010. P.151-153. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ndihr/revista/revistas-antteriores/revista-dm-02.pdf>. Acesso em: 2024-03-20.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Raça e História" [1952]. In: *Antropologia Estrutural II*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In. YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MUNIZ BARRETO, Domingos. Relação que contém por lembrança a descrição de uma diminuta parte da comarca dos Ilhéus desta capitania da Bahia, por onde viajei, e do que nela observei. In: *O feliz Clima do Brasil* [edição e pesquisa Anna Paula Martins]. Rio de Janeiro: Dantes, 2008. p.53-93.
- MUNIZ BARRETO, Domingos. Notícia da viagem e jornadas que fez o capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto entre índios e sublevados nas vilas, aldeias das comarcas dos Ilhéus, Norte na capitania da Bahia. In: *O feliz Clima do Brasil* [edição e pesquisa Anna Paula Martins]. Rio de Janeiro: Dantes, 2008. p.13-52.
- MUNIZ BARRETO, Domingos. *Notícia da viagem e jornadas que fez o capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto entre os índios sublevados nas vilas e aldeias das comarcas dos Ilhéus e norte na capitania da Bahia*. [S.l.: s.n.], [17--?]. 58 p. [03,01,018 – Manuscritos]. Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1408404/mss1408404.pdf. Acesso em: 6 Jul. 2024.
- MUNIZ BARRETO, Domingos. *Plantas do Certão do Gram Pará* [Manuscrito]. [S.l., s.d.]. - 1 fl. de título inum. + 2 fls. de texto inums. + 75 fls. de texto e desenhos nums. a tinta ; 351 x 231 mm. ACL - Manuscrito Série Azul 627. Disponível em: <https://biblioteca.acad-ciencias.pt/SearchResultDetail.aspx?mfn=70247&DDB=>. Acesso em: 05/07/2024.
- MUNIZ BARRETO, Domingos. Regras pelas quais se devem estampar as ervas medicinais e fazer recolher as suas ramas e raízes em tempos próprios, não só do modo que apontam os melhores autores, mas segundo as reflexões que tenho feito a este respeito. In: *O feliz Clima do Brasil* [edição e pesquisa Anna Paula Martins]. Rio de Janeiro: Dantes, 2008. p.97-103.
- PEREIRA, Rodrigo Osório. *Império Botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial (1768-1808)*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- QUINTÃO, R. C.. Papel, penas e drogas para tinta: materiais de escritório na administração diamantina do século XVIII. *ANAIS DO MUSEU PAULISTA*, v. 28, p. 1-25, 2020.
- RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassalos e governo à distância*. São Paulo: Alameda, 2008.
- SIMON, William J. *Scientific Expeditions in the Portugueses Overseas Territories*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.
- VANDELLI, Domingos. Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar. In: *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008.